

nucleus
rory clements

Tradução de Susana Clara



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

*Para Geoff,
um verdadeiro amigo*

ABRIL DE 1939

CAPÍTULO 1

A sala era quadrada, abafada e a sua única janela estava fechada. Situada no terceiro andar do enorme edifício da IG Farben, fora escolhida pelo seu insípido anonimato e pelas suas paredes grossas e insonorizadas. Naquela manhã, por precaução, fora revistada em busca de dispositivos de escuta, mas ninguém esperava encontrar algum. Porque é que alguém poria escutas numa sala daquelas?

Cinco homens estavam sentados em redor de uma mesa de olmo lisa. Um sexto, Reinhard Heydrich, caminhava por detrás deles, vestido com o seu imaculado uniforme das SS. O seu perfil era pálido e predatório, o cabelo louro curto estava penteado para trás, afastado da testa exangue e macia; as mãos estavam cruzadas atrás das costas.

No topo da mesa estava o general Erich Schumann, um homem que se sentia em casa tanto no mundo militar como no mundo científico. Hoje, estava vestido à civil com um fato castanho, ostentando um emblema do partido no colarinho. Como cientista, era conhecido pelo seu trabalho com explosivos e acústica. Como soldado, fora chefe de investigação no Heereswaffenamt, o gabinete de Artilharia do Exército. Como homem da cultura e neto do compositor Robert Schumann, gostava de se considerar uma espécie de génio musical por direito próprio.

A seu lado, estava o seu jovem subordinado, Kurt Diebner, um físico nuclear inteligente, mas menos fascinante. O seu cabelo ralo estava

penteadado para trás, os seus olhos emoldurados por uns óculos redondos com armação de carapaça de tartaruga.

Sentado em frente a Diebner estava Otto Ambros, um homem desleixado com um bigode louro que começava a ficar grisalho. Durante cinco anos, trabalhara para a gigante química IG Farben no desenvolvimento de armas, ali, em Frankfurt, e em várias outras fábricas.

Os dois últimos homens que estavam sentados à mesa usavam pseudónimos por insistência de Heydrich. Se fossem vistos juntos numa cervejaria em Munique, poderia pensar-se que eram irmãos, mas na verdade não havia qualquer laço familiar entre eles. «*Herr Grün*» era um agente da *Abwehr* — a inteligência militar. A parte da frente da camisa, que cobria a sua larga envergadura, estava encharcada de suor.

O outro homem — apelidado apenas naquele dia de «*Herr Schwarz*» — era um oficial da *Sicherheitdienst*, ou SD, a agência de inteligência interna de Heydrich. Os seus olhos seguiam todos os movimentos e palavras do seu mestre.

— Muito bem, cavalheiros — disse Heydrich. — Foi-vos dado tempo para organizarem as vossas ideias, e por isso agora irão juntá-las. Não será feita nenhuma ata desta reunião, e ninguém tomará notas, nem agora nem mais tarde. *Herr professor Schumann*, vá direito ao assunto, se faz favor...

Schumann assentiu.

— Há quatro dias, o Paul Harteck, que está intimamente ligado ao Heereswaffenamt, alertou-nos que uma arma de fissão — uma bomba atómica se preferirem — já não é apenas algo do reino da ficção, mas uma possibilidade imediata. Isto vem no seguimento dos recentes avanços feitos pelo Otto Hahn em Berlim e pelos Joliot-Curie em Paris. Nas últimas vinte e quatro horas, falei com o Carl von Weizsäcker, um dos melhores dos nossos físicos mais jovens, e ele disse que produzir tal bomba pode ser incrivelmente fácil.

Heydrich parou de andar.

— Ele não deveria estar aqui?

Schumann ergueu uma sobrancelha, expressando a sua dúvida. Ele respeitava as opiniões científicas de Weizsäcker, e ficara impressionado por ele gozar da confiança dos seus pares, principalmente de Niels Bohr e Werner Heisenberg. Mas Schumann não confiava nele; a sua lealdade para com o partido era incerta. Talvez se julgasse intocável por ser filho do segundo oficial mais importante do gabinete de Negócios Estrangeiros de Hitler. Tais homens deviam ser vigiados.

— Não — concordou Heydrich. — Talvez não. — Voltou a andar de um lado para o outro. — *Herr* Doutor Diebner?

Os ombros de Diebner enrijeceram e ele fez um brusco aceno de cabeça.

— Estamos urgentemente à procura dessa tecnologia. Amanhã, vai ter início uma investigação avançada e direcionada sob os auspícios do *Arbeitsgemeinschaft für Kernphysik*. Estamos a reunir os melhores homens. Infelizmente, os *melhores* não são necessariamente sinónimo de mais confiáveis politicamente. Vou vigiá-los de perto e reportar ao general Schumann com regularidade.

— Apenas isso pode não ser suficiente — retorquiu Heydrich.

— É verdade, *Herr Obergruppenführer*. Isto agora é uma corrida.

— E acredita que os britânicos, os franceses e os americanos estão cientes das implicações disto, *Herr* Doutor Diebner?

— Sim, senhor. O laboratório de Paris repetiu a experiência de Hahn e descobriu que são libertados neutrões secundários durante a fissão, o que significa que uma reação em cadeia descontrolada é possível.

— Uma reação em cadeia descontrolada?

— Por outras palavras, uma bomba. Uma bomba atómica. Talvez com potência suficiente para destruir uma cidade. A arma mais destrutiva alguma vez concebida. Toda a gente no reduzido círculo da física de partículas sabe o que isso significa. Creio que a Grã-Bretanha e a América estão bastante entusiasmadas.

— Então, isto é, na verdade, uma corrida — disse Heydrich. — Mas não se trata dos Jogos Olímpicos, aqui não há lugar para desportivismo. Trata-se de uma questão de sobrevivência e conquista. Ao mesmo tempo que nos esforçamos para ter esta arma temos de impedir que os nossos inimigos a obtenham.

Nenhum dos outros homens falou.

— Pelo que percebi — continuou Heydrich —, o laboratório mais notável fora da Alemanha fica em Cambridge, Inglaterra.

— Sim, senhor — respondeu Diebner. — O Laboratório Cavendish. Foi lá que o átomo foi separado pela primeira vez.

— Eu quero saber o que eles sabem, e quero saber o que podem conseguir.

— Com certeza, senhor.

— E quando nos apoderarmos de *tudo* o que eles sabem, cortar-lhes-emos os tendões dos calcanhares para que não possam correr, para

que nem sequer possam *entrar* na corrida. Foi por isso que vos trouxe aqui hoje, cavalheiros.

Os homens em redor da mesa entreolharam-se. Houve um arrastar de pés e mãos. Heydrich acenou com a cabeça na direção do químico.

— Este é *Herr* Doutor Ambros. Tem desenvolvido um trabalho importante para a IG Farben, trabalho esse que estará ao vosso dispor. — Os olhos estreitos de Heydrich abriram-se ligeiramente, e ele fez um sinal com a cabeça a Ambros.

— Muito obrigado, *Herr Obergruppenführer*. — Ambros ficou em silêncio até ter a certeza de que tinha a atenção de todos. — Nós temos um novo composto químico, um que esperamos que venha a ter grandes implicações no decurso de quaisquer futuras campanhas militares. A produção em grande escala está prevista para os próximos meses. Nós acreditamos — *eu* acredito — que vai cumprir a função de que precisam na presente operação. É discreto e transportável. E, na minha opinião, o seu uso nesta operação terá a vantagem de ser um inestimável teste à sua eficácia.

A sala ficou em silêncio. Heydrich voltou-se para Grün e Schwarz.

— Agora depende de vocês... e dos nossos amigos no estrangeiro. *Herr* Ambros está a dar-vos a ferramenta, o *Carniceiro* dar-vos-á os meios. Vocês vão garantir que resulta. — Ele encaminhou-se para a porta e rodou a maçaneta. — Voltarei esta tarde, nessa altura todas as peças deverão estar no seu lugar e todas as possibilidades consideradas. Mantenham as cabeças frias, cavalheiros. Descubram o que é que eles sabem e depois destruam-nos.

MAIO DE 1939

CAPÍTULO 2

Geoffrey Lancing sentia-se maldisposto. Por cima dele, o pequeno biplano verde descrevia círculos contra o céu límpido e preparava-se para aterrar. Ele desejara ardentemente voltar a ver a irmã, mas agora que o momento chegara fora assaltado pela apreensão. O mundo adorava-a, mas ele sabia a verdade.

Boldbourne era um aeródromo privado. Um lugar pequeno e banal, situado alguns quilómetros a sul de Cambridge. Um dos muitos aeródromos espalhados pelo interior de Inglaterra. Não tinha propriamente uma pista, apenas uma larga e plana extensão de erva. O seu uso era limitado quando chovia e a erva se transformava em lama, mas ali a terra drenava bem, por isso era utilizável a maior parte do ano. Agora, no final de maio, o solo estava ressequido após uma primavera seca.

Havia três edifícios: um celeiro de chapa ondulada que servia de hangar a duas aeronaves ligeiras, e duas construções de tijolo atarracadas e com os telhados planos. Uma delas albergava paraquedas e fatos de voo, além de algumas poltronas e uma mesa onde os aviadores e os seus companheiros podiam relaxar com um termos de chá ou uma garrafa de bebida espirituosa. O outro edifício era uma oficina, onde as peças sobresselentes, o combustível, o óleo, o líquido de refrigeração e as ferramentas eram guardadas.

Naquele momento, o biplano verde fazia a sua aproximação final. Clarissa sempre fora uma aviadora soberba e hoje estava no seu melhor;

aterrou apenas com um ligeiro solavanco. Lancing, que estava sozinho na faixa de cimento que havia diante dos edifícios, observava, nervoso. À medida que ela deslizava na sua direção, ele conseguia ver o seu rosto primoroso através da janela. Ela parou o pequeno aeroplano e desligou o motor.

O telegrama que ela lhe enviara dois dias antes deixara-lhe o sangue gelado. A sua irmã, a grande estrela de cinema, vinha passar o verão a casa. Ficaria em Hawksmere Old Hall com os Hardimans, dissera ela. Haveria champanhe, *jazz*, bailes e ténis.

Nos últimos oito anos, Geoff Lancing apenas vira Clarissa no ecrã. Mas agora ali estava ela, em carne e osso, a descer do *cockpit*. Mais esbelta e deslumbrante do que nunca, mesmo trajada com o seu casaco de aviador masculino e os óculos empoleirados na testa. O *glamour* em pessoa. A irmã mais velha que ele adorava e temia com a mesma intensidade. O que lhe exigiria ela desta vez? De todos os homens do mundo que a amavam à distância, que se ajoelhavam ao ouvirem mencionar o seu nome, apenas ele conhecia os seus segredos, e, mesmo assim, não todos. E, no entanto, não podia dizer nada, pois ela dominava-o.

Clarissa sorria, os braços abertos para o abraçar. Um beijo breve na face; em seguida o seu abraço e cheiro requintado envolveram-no como um *boudoir* parisiense.

— Bem-vinda a casa — disse ele. As palavras pareceram completamente inadequadas.

— Geoffrey, meu querido, estás na mesma! Ainda és o meu irmãozinho. Não envelheceste nada.

Nem ela. Tinha agora trinta e dois — mais dois anos do que ele —, mas parecia mais jovem do que nunca. Talvez se devesse à magia de Hollywood.

— Como foi a minha aterragem?

— Oh, nada mal para uma principiante.

Ela riu-se e deu-lhe uma ligeira cotovelada nas costelas.

— Está bem — admitiu ele. — Foi perfeita, como sempre.

— Coisinha adorável, o *Hornet Moth*. Estava à minha espera quando o navio atracou em Southampton. Mas diz-me lá, tens um carro para mim, certo?

— Um *Hispano* azul-claro. Deu um trabalhão dos diabos consegui-lo num espaço de tempo tão curto.

— Tu fazes milagres. Vamos. Não podemos deixar o champanhe à espera. Quero dançar e fazer piqueniques, beber *cocktails* e jogar *croquet*, e

quero conhecer todos os teus amigos, Geoffrey. Principalmente, os mais charmosos.

— Oh, os meus amigos são muito enfadonhos para ti. São uns marrões, tal como eu.

— Não acredito nisso — retorquiu ela, agarrando-o pelo cotovelo e arrastando-o com ela. — Então e o Tom Wilde? Ele parece ser divertido. Falaste-me tanto dele nas tuas cartas que tenho de o conhecer. Considera-te o responsável pela minha vida social. Temos tanto que conversar, querido. Vamos, eu conduzo.

Tom Wilde foi conduzido à Sala Oval pela secretária particular do Presidente, Missy LeHand. Roosevelt já estava de pé ao lado da sua enorme secretária, as mãos agarradas à borda da mesa, mas não fez nenhum movimento na direção do seu convidado. Wilde aguardou junto à porta, os seus olhos adaptando-se à luz que entrava pelas três janelas altas por detrás do Presidente.

— Este é o professor Wilde, senhor Presidente — disse a secretária.

— Wilde. — Roosevelt estendeu a mão direita, agarrando-se firmemente à mesa com a mão esquerda. Acenou com a cabeça à sua secretária de cabelos grisalhos e ela saiu da sala, fechando a porta atrás de si.

Wilde aproximou-se do tapete oval, depois baixou a cabeça em saudação.

— Senhor Presidente.

Os homens apertaram as mãos.

— Muito gosto em conhecê-lo, professor Wilde. — Fez um gesto com a mão na direção de um sofá de couro que estava encostado à parede. — Sente-se. Desculpe tê-lo feito esperar. Por favor, sente-se. Não se preocupe comigo.

— Muito obrigado, senhor. — Wilde sentou-se e deu por si numa situação de desvantagem. FDR ainda estava de pé.

O Presidente reparou no desconforto do seu convidado e sorriu.

— Espero que não se incomode. Dá um trabalhão dos diabos levantar-me, e eu queria estar de pé quando o embaixador interino alemão chegasse. Não queria que o maldito nazi me olhasse de cima. O bastardo já se foi embora. Na verdade, no que diz respeito aos nazis, Thomsen é um tipo bastante aceitável.

A sala era fresca e agradável — pairava um aroma a ar fresco e madeira

polida —, mas o Presidente estava a suar e Wilde calculou que estivesse com dores. Paralisado pela poliomielite há dezoito anos, desde os trinta e nove, lutava como um demónio para que o mundo o visse como fisicamente apto e capaz de ocupar o púlpito durante os discursos ou eventos importantes. Wilde sabia bem que era tudo uma representação. Começou a levantar-se.

— Se quiser, posso ajudá-lo a sentar-se, senhor.

— Não se importa? Isso seria fantástico.

Wilde estendeu-lhe o braço e conduziu-o até à cadeira da secretária.

— Ah, esta vista é melhor. Agora, professor Wilde, sente-se e deixe que comece por lhe dizer que há muitos anos que sou admirador do seu trabalho. — Roosevelt abriu uma caixa de prata, tirou um cigarro comprido e acendeu-o. Como se se tivesse lembrado de repente estendeu a caixa a Wilde, que abanou a cabeça. — Fiquei muito impressionado com o seu livro sobre Sir Francis Walsingham e a forma como ele destruiu a rainha dos Escoceses.

— Muito obrigado, senhor.

— Impiedoso. — O Presidente sorriu, demonstrando afinidade com as ideias de Walsingham passados trezentos e cinquenta anos. Ele aspirou longamente o seu cigarro e depois sacudiu a ponta no cinzeiro, embora, por enquanto, não houvesse cinza para descartar. — Mas não estamos aqui para discutir as maquinações letais de um mestre da espionagem, nem os seus atributos literários. O que me interessa é que você vive em Inglaterra. É claro que estou desapontado por um homem com o seu talento e inteligência optar por viver fora da América, mas vamos tirar partido disso. A América precisa de um homem como você. Como professor em Cambridge, calculo que conheça muitas pessoas bem relacionadas e bem informadas, por isso deixe-me fazer-lhe uma pergunta: vai haver guerra?

— Sim, senhor Presidente. E em breve.

Roosevelt assentiu.

— Leu o discurso que proferi em Chicago?

— Sim, senhor. E estou totalmente de acordo. O mundo está prestes a explodir e a América não será protegida apenas pelos oceanos.

Bateram à porta e um criado apareceu para servir café. Roosevelt fez um sinal com a mão na direção da secretária e o homem pousou a bandeja.

— Como é que o toma, Wilde?

— Simples. Sem açúcar.

O criado serviu o café e recuou na direção da porta com uma reverência. Quando a porta estava prestes a fechar-se, surgiu outro rosto. Roosevelt

fez um sinal com a mão para que o recém-chegado entrasse. Um homem com cerca de cinquenta anos emergiu das sombras. O seu cabelo ruivo estava rapado dos lados e atrás, o que lhe deixava um espesso tufo no alto da cabeça. O seu rosto era estreito e sardento, trajava um uniforme militar, menos o chapéu e a jaqueta.

— Conhece Dexter Flood, professor?

Wilde pôs-se de pé novamente.

— Ainda não nos tínhamos conhecido, senhor, mas é claro que sei quem é.

— Atualmente, o coronel Flood está destacado no Departamento de Guerra, mas, tal como você, tem um passado académico.

Flood atravessou a sala e apertou a mão a Wilde.

— Muito gosto em conhecê-lo, professor. Já ouvi falar muito de si.

Será que sim? O que teria ouvido? Era certo que Wilde sabia algo sobre Flood. No início dos anos 30, Tom assistira a uma palestra que ele dera: *Amigos e Inimigos: Fascismo e Bolchevismo no Velho Mundo*. Flood assumira uma postura agressiva contra a União Soviética, e menos enfática contra os movimentos fascistas na Europa. Talvez fosse compreensível, antes de a real ameaça de Hitler e Mussolini se ter tornado clara.

— Foi por causa do coronel Flood que lhe pedi que viesse, Tom. Se aceitar ajudar-nos, ele será o seu contacto.

Por que razão *fora* ele convocado? Essa questão perturbava e intrigava Wilde desde que o convite chegara há dois dias a casa da sua mãe, em Boston.

— Oh, tens de ir, Tom! — insistira a mãe. — Um convite do Presidente? É óbvio que tens de aceitar!

Wilde encolhera os ombros. É claro que iria, mas estava um pouco surpreendido; não fazia ideia de que Roosevelt já ouvira falar dele.

Flood serviu-se de café, natas e açúcar, depois sentou-se numa cadeira de costas duras à direita de Wilde. Desenroscou uma caneta de tinta permanente vermelha, rabiscou um título no topo do bloco pautado que trazia e em seguida sublinhou-o.

— Muito bem, então, aqui vai uma pergunta direta, professor Wilde — disse Roosevelt —, e quero uma resposta de sim ou não, uma que não tenha sido filtrada pelas embaixadas nem pelo Departamento de Estado. Qual é a posição de Inglaterra? Eles esperam participar na guerra que se avizinha?

Mais uma vez, Wilde não hesitou na resposta.

— Sim.

— Não vão desistir? Não se vão comprometer com um qualquer acordo duvidoso com o Huno?

— Não. Isso não vai acontecer, não depois do que se passou com a Checoslováquia, embora haja alguns que desejem que isso aconteça.

Roosevelt assentiu lentamente, como se Wilde tivesse confirmado algo de que já suspeitava.

— Agora fale-me sobre o moral. Os Britânicos pensam que podem ganhar? Porque o Joe Kennedy e muitos outros têm a certeza de que eles não serão capazes.

— Creio que nem passa pela cabeça dos Britânicos que poderão perder. A última vez que perderam uma guerra foi a nosso favor, há cerca de dois séculos.

Roosevelt riu-se com gosto enquanto esmagava o cigarro no cinzeiro, pegando imediatamente na caixa de prata para tirar outro.

— Falou o historiador.

— Mas as pessoas não estão contentes com a possibilidade de haver uma guerra. Muitos deles combateram nas trincheiras e não querem que isso aconteça novamente.

— É compreensível.

Wilde sempre gostara do que lera sobre Franklin Delano Roosevelt. Era um homem de intelecto e educação superior, que conseguia comunicar com os homens e as mulheres da classe trabalhadora e fazê-los acreditar que estava do lado deles. As evidências pareciam comprovar que a fé deles era justificada. Mas nunca se podia ter a certeza, não com os políticos. Qualquer historiador podia confirmar isso.

— Há quanto tempo está em casa, Wilde?

— Dez semanas, senhor Presidente, a maior parte do tempo de visita à minha mãe, em Boston. Dei algumas palestras nas universidades da Costa Leste, tentei vender alguns exemplares da minha nova biografia de Sir Robert Cecil e ouvi um pouco de *blues e jazz*. — Também passara algumas horas ao lado do túmulo da sua falecida mulher, Charlotte, e do filho deles, a falar-lhe de Lydia, e a pedir-lhe a sua opinião e conselhos. Mas isso era algo que não precisava de partilhar.

— Então, quando é que vai regressar?

— O navio zarpa amanhã.

— Conseguiu ouvir a Billie Holiday?

— Vi-a no Café Society, na Village. Só por causa disso, já valeu a pena a viagem.

Roosevelt ajustou as lunetas sem aro à cana do seu nariz aristocrático e fitou Wilde por um momento. Era improvável que o Presidente tivesse liberdade para frequentar clubes de *jazz* em Nova Iorque.

— Sorte a sua — disse Roosevelt. — Adiante, vamos ao que interessa. — Acenou com a cabeça na direção de Flood. — Passo-lhe a palavra, Dexter.

— Muito obrigado, senhor Presidente.

Wilde encontrou o olhar sério do coronel. Perguntava-se por que razão Flood nunca chegara a general; tinha, certamente, as qualificações necessárias: herói da Primeira Guerra Mundial, tendo liderado um ataque que capturou um posto de comando alemão em setembro de 1918, historiador militar com um cargo de professor em Princeton, uma espécie de perito em política europeia do século xx. Em determinada altura, não terá caído nas boas graças de alguém — certamente, algo ou alguém travara a sua progressão.

— Já ouviu falar de fissão, professor Wilde? Os novos artigos científicos provenientes da Alemanha?

— É claro que já ouvi falar deles, até tentei entendê-los. Porquê?

Geoff Lancing, o seu velho amigo, tentara explicar-lhos de forma sucinta, mas era um conceito difícil para um leigo.

— Porque aqui, na América, há físicos que acreditam que isso significa que é possível produzir uma superbomba. Aquilo que algumas pessoas apelidam de bomba atômica. Até o próprio Einstein acredita que já não se trata apenas da ficção de H.G. Wells. O Departamento de Guerra tem de levar a sério tais avisos.

Fissão. Lancing, um jovem e brilhante professor de Física em Cambridge, fervilhava de entusiasmo — e não de inquietação — enquanto tentava interessar Wilde pelo assunto. Wilde não percebera a maior parte dos detalhes técnicos, mas compreendera o essencial. Não se tratava apenas de separar o átomo; segundo o que percebera, tratava-se de separá-lo com uma força explosiva.

— Tenho um grande amigo que mo tentou explicar — disse Wilde —, mas não posso dizer que tenha percebido todos os pormenores.

— Nem eu, professor, nem eu — disse Roosevelt. — Como é que uma coisa minúscula como um átomo pode provocar uma explosão? Gás, isso é o que me assusta. Os italianos lançaram-no sobre a Abissínia, agora imagine isso ser lançado sobre uma cidade ocidental cheia de gente. Seria o Inferno na Terra. Mas esta questão do átomo, bem, não consigo perceber...

— Não é propriamente a minha área, senhor Presidente.

— É claro que não. Devolvo-lhe a palavra, Dexter.

— Muito bem, Wilde, você não é cientista, mas tem olhos e ouvidos. E vai voltar para Cambridge, que é o local onde tudo começou. O Laboratório Cavendish.

O Cavendish, no coração de Cambridge, onde os homens haviam separado pela primeira vez o átomo. Há muito que o laboratório estava no centro da física experimental de partículas, e Geoff Lancing era uma das suas estrelas.

Wilde observou Flood. O que via era um homem de carreira que não chegara ao topo, mas que ainda tinha influência. Talvez tivesse passado muito tempo no *campus* e pouco na parada.

— Precisamos de saber o que se passa lá — continuou Flood. — O mundo da física atômica é pequeno. Há questões para as quais gostaríamos de ter respostas. Por exemplo, os mais ilustres cientistas britânicos acreditam que é possível produzir esta superbomba? Quão difícil é produzi-la? Quem são os verdadeiros cérebros, os líderes, nesta área? Gostaríamos de saber o que consegue descobrir. E gostaríamos de sabê-lo em termos leigos. É só isso.

— Então vou manter os olhos e os ouvidos abertos.

— Vá lá, Wilde — retorquiu Flood. — Nós conhecemos o seu passado. Pode não se autointitular de espião, pode não fazer parte de uma agência, mas caramba, professor, você já está enterrado nisso até à ponta dos cabelos! Tem reuniões com o Vanderberg na embaixada dos Estados Unidos, observa os seus colegas como uma ave de rapina...

— Tenho reuniões com o Jim Vanderberg? Ele é meu amigo, é só isso, um antigo colega de faculdade. Nós limitamo-nos a pôr a conversa em dia, como fazem os amigos.

Flood ergueu uma mão num gesto defensivo e sorriu.

— Ninguém o está a acusar de nada, professor. Você trabalha bem. Temos uma boa ideia do que fez no final de mil novecentos e trinta e seis. Você é o tipo de homem de que precisamos.

Flood saberia mesmo o papel que Wilde tivera naqueles eventos? O go-rar da conspiração que impediria a abdicação de Eduardo VIII era um segredo bem guardado. Wilde encolheu os ombros.

— Suponho que devo sentir-me lisonjeado.

Roosevelt bateu palmas.

— Bom homem. Nós não queremos ser apanhados desprevenidos. Se

houver algum indício de que alguém vai conseguir produzir a superbomba, eu quero saber. — Ele olhou para o relógio e Wilde começou a levantar-se, assim como o coronel Flood. A reunião acabara. Dez minutos breves, nos quais falaram sobre a probabilidade de haver uma guerra, sobre a possibilidade de se produzir uma superbomba atômica e sobre os prazeres do *jazz*. Tudo isso acompanhado pelo excelente café da Casa Branca. O Presidente pousou a beata do seu segundo cigarro na borda do cinzeiro, depois inclinou-se e apertou a mão de Wilde calorosamente.

— Muito gosto em conhecê-lo, professor. Mantenha-se em contacto. Nestes dias tenebrosos que se avizinham, preciso de ter lá uma voz clara e imparcial. Missy LeHand é a minha guardiã e vai dizer-lhe exatamente como é que pode entrar em contacto comigo. Dou mais valor à sua opinião do que à de uma dúzia de diplomatas. Apenas mantenha tudo claro e conciso. Sobre a parte científica, comunique com o Dexter.

— Com certeza, senhor Presidente.

— E talvez me possa enviar um exemplar autografado do seu novo livro.

— Será um prazer, senhor. Creio que vai descobrir que, à sua maneira, Sir Robert Cecil foi tão impiedoso como o Walsingham.

— Poder político! Nada muda ao longo das eras.

Flood encaminhou-se para a porta.

— Eu acompanho o professor, senhor Presidente.

— Muito obrigado, Dexter.

Quando a porta se fechou atrás deles, Dexter Flood colocou uma mão no ombro de Wilde.

— É bom tê-lo do nosso lado, Wilde. Mantenha-me informado, está bem?

— Claro.

— O seu amigo do Cavendish é o Doutor Lancing, certo? Augustin G. Lancing?

Wilde afastou-se da mão amigável de Flood.

— O que o leva a pensar isso?

Flood encolheu os ombros e sorriu através da sua massa de sardas.

— Um palpite, Wilde, apenas um palpite.

— Bem, então deve saber que o Lancing abandonou, sabiamente, o nome Augustin. Agora dá pelo nome de Geoffrey Lancing. Mas por que razão o mencionou em particular? Eu conheço duas ou três pessoas do Cavendish. Na minha faculdade, há um homem do Cavendish.

— Trata-se do Paul Birbach, certo?
— Está muito bem informado, coronel.
— Quem mais?
— O quê?
— Quem mais é que conhece no Cavendish?
— Apenas alguns conhecidos, receio.
— O Torsten Hellquist, certo?
— Sim, conheço-o vagamente. Porquê?
— Porque o Hellquist e o Birbach são os que nos preocupam. Têm simpatias duvidosas. Não acreditamos que estejam do nosso lado.

Então tinha sido por isso que fora convocado. De alguma forma, sabiam do relacionamento que tinha com Lancing, Birbach e Hellquist. Se já sabiam tanto, porque precisavam dele?

Flood baixou a voz.

— Quero saber o que se passa naquele laboratório de Cambridge. Quero ter informações sobre aqueles dois malditos estrangeiros, o que estão a fazer — quando fornicam, quando se peidam. Percebeu?

— Infelizmente, não os vejo com muita frequência. Os nossos caminhos raramente se cruzam.

— Desenrasque-se. Use o Lancing. Pergunte-lhe quem é o melhor — quem, entre os investigadores, é que tem um cérebro do tamanho do Texas? É com esses tipos que temos de nos preocupar, com os espertos, e não com os assim-assim. Ninguém pode ter uma superbomba antes dos Estados Unidos da América. *Comprende?*

Wilde não respondeu.

— Outra coisa: já ouviu falar do Milt Hardiman?

— Não, deveria ter ouvido?

— Só se ler as colunas da sociedade. Mas ele é um bom homem, apesar de toda a sua riqueza. Um patriota. Ele está lá e vai entrar em contacto consigo. Está do nosso lado e vai trabalhar connosco neste assunto. Confie nele — trabalhem em conjunto. Ele pode fazer-me chegar a informação.

— Milt Hardiman.

— Milt. Abreviatura de Milton. Toda a gente o trata por Milt. Só não jogue póquer com ele, deixá-lo-á depenado. — Dexter Flood sorriu e estendeu a mão, dando a Wilde um passou-bem amigável e caloroso. — Vai correr tudo bem, companheiro. Sirva o seu país.

Poucos minutos depois, quando saía para o ar fresco da Pennsylvania Avenue, Wilde tentou dar sentido àquela reunião relâmpago. Uma coisa era

certa — o convite para a Sala Oval não passara de uma tentativa de bajulação, para que Dexter Flood o pudesse usar.

Bajulado e usado.

O papel de Roosevelt fora secundário. Estivera presente para lisonjear Wilde. Sacana manhoso. Apesar da sua aparência despreziosa e familiar, Roosevelt era tão astuto e sem escrúpulos como o mestre dos espões da rainha Isabel I, Walsingham.

Nesse caso, quem era, exatamente, o coronel Dexter Flood?

JUNHO DE 1939

CAPÍTULO 3

Eva Haas e o homem que conhecia apenas como Baumgarten aproximaram-se do arame farpado do campo de concentração de Dachau, perto de Munique, num carro grande e de capota fechada, da marca *Opel*. Na mala do veículo estavam dois conjuntos de roupa de caminhada, um para ela, outro para Arnold Lindberg.

Baumgarten estava vestido com o ameaçador uniforme preto de capitão das SS — um *Hauptsturmführer*. Eva vestia um fato de saia e casaco escuro e assexuado, com um crachá do partido no peito. Não usava maquiagem e tinha o seu cabelo escondido por baixo de uma peruca entrançada, no estilo austero adotado pelas cantoras wagnerianas em Bayreuth. Viu-se ao espelho e o rosto que lhe devolveu o olhar era terrivelmente parecido com o da sinistra Gertrud Scholtz-Klink, a líder da *NS-Frauenschaft*¹. Eva estava a tremer e tentava manter o seu corpo sob controlo. Não podia mostrar medo.

— O Inferno na Terra — disse Baumgarten, olhando através da vedação eletrificada para as filas ordenadas dos barracões dos prisioneiros. Em ambos os lados havia torres de vigia ocupadas por guardas armados com metralhadoras.

— Primeiro a chamada telefónica — disse *Frau* Haas. — Não agiremos até eu ter a certeza.

¹ *NS-Frauenschaft* — Liga das Mulheres Nacional-Socialistas. Foi a organização feminina do Partido Nazi. (*N. da T.*)

— É claro. — Ele sorriu de forma tranquilizadora, engatou a mudança e conduziu a uma velocidade constante até à aldeia mais próxima. Percorreram as ruas vazias e monótonas à procura de uma cabina telefónica, mas não tiveram sorte. — Talvez a estação de comboios tenha — alvitrou Baumgarten.

A estação não tinha telefone público, mas ele aproximou-se de um dos guardas da plataforma, um homem pequeno e tímido cujos olhos se arregalaram de terror ao ver aproximar-se um oficial das SS. O corpo do pequeno homem enrijeceu e ele disparou uma saudação audível.

— *Heil* Hitler!

— Preciso de um telefone.

— Sim, senhor. No posto do sinaleiro. Eu levo-o lá, senhor. O Wesselman ajuda-o, senhor.

O posto do sinaleiro ficava a cem metros de distância, no sítio onde a estrada era atravessada pela linha ferroviária. O sinaleiro, Wesselman, foi menos deferente do que o seu colega, mas não teve outra alternativa a não ser autorizar a chamada. Ninguém dizia que não a um oficial das SS.

— Retire-se, por favor — pediu Baumgarten.

Relutantemente, o sinaleiro abandonou o seu posto e desceu a escada. Da janela, Eva viu-o acender um cigarro.

— Ligue-lhe — disse Baumgarten.

Com as mãos encharcadas em suor, Eva ligou para um número em Berlim. Atenderam em menos de um minuto.

— Miss Forster?

— *Frau* Doutora Haas?

— Sim, está...

— Está tudo bem, minha querida, ele está no comboio. Não houve problema nenhum, e ele está numa carruagem com algumas crianças muito simpáticas. Há uma hora soube que o comboio já entrou na Holanda. Está tudo bem, minha querida.

— Muito obrigada, muito obrigada, Miss Forster.

O terror de Eva desvaneceu-se. As suas mãos e corpo pararam de tremer. Naquele momento, já não tinha dúvidas. Tinha de sair da Alemanha — e se Baumgarten tinha uma ideia que poderia resultar, então tinha de tentar.

Juntos, voltaram para Dachau, mas pararam pelo caminho e estacionaram na berma da estrada junto à floresta frondosa. Baumgarten saiu do carro e tirou as malas com os equipamentos de caminhada, escondendo-as cuidadosamente nos arbustos.

— Podem revistar o carro — explicou ele.

No campo de concentração, foram confrontados novamente com o arame farpado, as torres de vigia e uma fila interminável de prisioneiros que arrastavam os pés do outro lado da vedação.

Eva sentiu-se tomada por um medo e escuridão profundos. «*Arbeit Macht Frei*», dizia a placa à entrada, «*O trabalho liberta-te.*» Não havia liberdade por detrás daquela vedação. Pararam junto do portão principal e saíram do veículo, apresentando-se na guarita com vigorosas saudações nazis. Foi Baumgarten quem falou. Mesmo usando uniforme, as mulheres não eram mais do que ajudantes e máquinas de procriação na nova Alemanha.

Baumgarten pousou no balcão um papel carimbado e assinado, de forma arrogante.

— Transferência para Sachsenhausen. Prisioneiro Lindberg, Arnold — disse ele, e pronunciou o número de prisioneiro oficial de Lindberg.

O chefe da guarda, um oficial das SS que tal como Baumgarten trajava o uniforme completo com a insígnia da morte no boné, riu-se.

— Ele não gosta da comida daqui?

— Estão à espera dele em Berlim, para o interrogarem. Na Prinz-Albrecht-Strasse.

O guarda enrijeceu.

— Ah... sim... bom... faz sentido, é claro, *Herr Hauptsturmführer*.

Na Prinz-Albrecht-Strasse ficava o quartel-general das SS, da Gestapo e da SD, os domínios de Heinrich Himmler e Reinhard Heydrich. Se as ordens vinham dali, então não havia discussão; Sachsenhausen ficava a uma curta distância de Berlim.

O guarda olhou para os papéis da transferência apresentados por Baumgarten, depois vasculhou os seus próprios registos das ordens do dia.

— Ele não está na lista, *Herr Hauptsturmführer*.

— Nem vai estar. Isto é ultrassecreto.

O guarda olhou constrangidamente de Baumgarten para Eva.

— Esta é *Frau* Haas, a minha secretária. Ela vai tomar apontamentos durante a viagem.

O que estava implícito era que não havia tempo a perder: o interrogatório iria começar imediatamente.

— Eu tenho de ligar ao comandante.

— Faça-o, mas depressa. Temos uma longa viagem pela frente. Tome — Baumgarten entregou-lhe um cartão com a cruz suástica gravada —,

diga-lhe para ligar para esse número. Informe-o de que o meu nome é Baumgarten.

Os olhos do guarda arregalaram-se quando viu o nome no cartão. Bateu com os calcanhares e fez uma continência.

— Sim, senhor, imediatamente, senhor.

Uma hora depois, tinham Arnold Lindberg no carro. O comandante do campo convidou-os para ficarem e almoçarem na messe dos oficiais, mas Baumgarten apontou para o relógio e declinou o convite.

Não houvera tempo para cumprimentos nem para explicações. Dirigiram-se novamente à floresta e retiraram as suas roupas novas dos arbustos. O carro não fora revistado, mas mais valia prevenir do que remediar. Eva trocou-se rapidamente e em seguida, com grande dificuldade, persuadiu o seu tio a fazer o mesmo. Teve de ajudar o homem, que tremia, a apertar os botões da camisa. Depois, Baumgarten levou-os à estação de comboios de Munique, entregou-lhes passagens para Innsbruck e despediu-se deles.

Lydia Morris agarrou na fotografia granulada e olhou para ela por uns momentos, em seguida levantou os olhos e perscrutou a entrada da estação de comboios. Havia tantas crianças, todas de casaco e chapéu, apesar do calor de junho. Cada uma transportava uma pequena caixa ou mala e cada uma tinha um número e um nome num papel pendurado num fio em volta do pescoço. Como se se tratassem de encomendas.

Qual delas era Albert? Olhou outra vez para a fotografia que Eva, a mãe da criança, lhe enviara. Na verdade, não tinha grande qualidade. Um ou dois rapazes poderiam ser parecidos, mas ela não tinha a certeza absoluta. Uma fotografia é uma coisa morta, estática, e aquelas crianças estavam vivas e mexiam-se.

Era difícil pensar com todo aquele barulho. O silvo do vapor, os apitos dos funcionários ferroviários, o murmúrio de fundo dos homens e mulheres que vinham buscar os seus novos protegidos, os gritos dos vendedores de jornais e dos bagageiros que se tentavam suplantar uns aos outros, os cumprimentos e as despedidas dos passageiros, a habitual tagarelice diária dos trabalhadores ferroviários e o eco do barulho das botas pesadas a baterem no cimento. Tudo isto além do pivete a óleo, fumo e suor.

Lydia dirigiu-se às crianças, atravessando a multidão de adultos que as esperavam.

Ela sentia-se muito pequena debaixo do alto teto abobadado, todo feito de vidro e aço. As crianças estavam caladas e assustadas. A viagem delas desde a Alemanha, de comboio e de barco, fora longa e emotiva. Para algumas fora uma aventura, com alegres cantorias e demonstrações de gratidão pelas ofertas de comida que as amáveis mães holandesas lhes tinham dado quando atravessaram a fronteira. Para outras, fora uma tristeza indescritível, passaram a viagem a chorar, incapazes de comer. Mas agora, na estação de Liverpool Street, o sentimento era igual para todas — estavam exaustas e tinham saudades de casa, os seus rostos estavam contraídos, os olhos arregalados, mas mesmo assim tentavam sorrir, ansiosas para agradarem. Algumas delas não faziam ideia de onde estavam. Eram estrangeiros numa terra estrangeira. Era aquele o fim da sua viagem? Quem estaria à espera delas? Todas ansiavam pelas suas mães e pelos seus pais. Quando é que viriam juntar-se a elas?

Dirigiu-se diretamente ao menino mais parecido, dos dois que avistara. No entanto, de perto, ele não se assemelhava ao menino da fotografia. A única coisa que tinha em comum com a imagem da fotografia eram os óculos de aros redondos metálicos que tinha empoleirados no nariz pequeno. Lydia olhou para o nome no papel: Blaustein, Isaac. Prosseguiu e aproximou-se do segundo menino. A criança tentava sorrir, mas tinha os olhos marejados de lágrimas. Ela devolveu-lhe o sorriso e colocou um braço reconfortante no ombro dele. Não era Albert.

Havia mais raparigas que rapazes, o que reduzia a sua procura. Ela observou o rosto de cada um deles, pegou nos papéis que tinham ao pescoço e examinou-os rapidamente. Sorriu para cada um dos rapazes e perguntou «*Wie heissen Sie?* — como te chamas?» Todos apontaram para o papel com o nome e responderam corretamente, com os ombros direitos e a olharem nos olhos dela, como tinham sido ensinados pelos seus pais afetuosos e pelos professores severos.

Lydia não se sentia confiante para iniciar um diálogo com eles; o seu alemão estava «enferrujado» pela falta de uso. Pronunciou o nome do menino em forma de pergunta:

— Albert Haas? Conhecem-no?

Todos abanaram as cabeças. Era óbvio que o nome não lhes dizia nada.

Bertha Bracey surgiu a seu lado, grande e acolhedora como uma mãe-galinha.

— Ainda não o encontrei, minha querida?

Ela abanou a cabeça.

— São tantos.

— Não mais do que o habitual.

Não, era claro que não. Nos últimos três meses, Lydia assistira à chegada de vários comboios destes cheios de crianças e por vezes havia o dobro das que vinham naquele, mas aquela era a primeira vez que vinha à procura de uma criança específica.

— Esta situação é muito diferente, Bertha.

— Eu sei, minha querida. Mas não te preocupes, não tarda nada já vão ser menos e vamos conseguir encontrar o pequenito. Dê lá por onde der, mantém um sorriso no rosto. Deixa-os perceber que és amistososa.

— Bertha, eu mudei os hábitos de uma vida inteira, vesti-me e pentei-me de propósito para isto, ou talvez não tenha reparado. É claro que vou sorrir.

A mulher mais velha riu-se.

— Sim, reparei no cabelo. Muito bonito.

Lydia ergueu uma sobrancelha. Percebeu que Bertha não ficara nada impressionada com os seus esforços: penteara bem o cabelo e vestira um vestido de verão algo desleixado que esperava lhe desse uma aparência mais de dona de casa germano-judaica do que de uma inglesa boémia e algo esfarrapada, que era o que se aproximava mais da verdade.

— Talvez ele ainda esteja dentro do comboio. Pode ter adormecido e terem-se esquecido dele, Bertha. De certeza que isso já aconteceu. Vou subir a bordo e procurá-lo.

— Faz isso. E não te preocupes. Nós vamos encontrá-lo. Até agora ainda não perdemos nenhum.

Albert Haas não estava no comboio. E não estava na entrada da estação de Liverpool Street. Era óbvio que algo não batia certo. Os dois líderes que tinham acompanhado as crianças desde a Alemanha já estavam no barco de regresso a casa e tinham sido substituídos pelos líderes ingleses em Harwich, e nenhum deles se lembrava do rapaz.

— Ele não deve ter embarcado no comboio — disse Bertha Bracey. Colocou um braço em redor dos ombros de Lydia. — Vem, minha querida. Vamos voltar para Bloomsbury e telefonar para Berlim.

— Mas não era isso que dizia o telegrama.

Lydia recebera um telegrama de Miss Forster que dizia claramente que Albert embarcara no comboio *Hook of Holland*, juntamente com outras crianças, na estação do Zoo de Berlim, no distrito de Charlottenburg.

— Deve ter havido alguma confusão. Estas situações podem ser bastante tristes, quando separam os filhos dos pais. Vamos resolver isto.

Lydia olhou outra vez para a pequena fotografia de Albert. Por detrás dos óculos, pareceu-lhe ter detetado uns olhos inteligentes e sensíveis. Ele usava um casaco formal por cima de uma camisa branca, com uma gola de renda branca. Algo efeminado, e um pouco sério de mais, pensou Lydia. Parecia que Albert Haas precisava de conviver com outros rapazes mais travessos. Para enrijecer. Ela guardou a fotografia no bolso do casaco, mas estava relutante em partir. Como é que Miss Forster cometera um erro tão crasso? Ou ele estava no comboio ou não estava.

Raios de sol desciam do alto da abóbada da estação, que lembrava uma catedral. Os raios paralelos atravessavam os vidros e as vigas, o fumo e o vapor, e iluminavam as cabeças das crianças, fazendo-as parecer um grupo de anjos.

— Lydia?

— Tem razão, deve ter acontecido alguma coisa. Talvez tenha ficado doente à última da hora.

— É muito possível.

Já quase não havia crianças no terminal. Além de dois rapazes com cerca de doze anos e uma rapariga de sete ou mais, todos os outros tinham sido entregues. E a maior parte começava a sua viagem, de comboio, autocarro ou carro, para a sua nova vida em cantos remotos de Inglaterra.

Lydia tinha visto cada um deles partir com os seus novos guardiões e sentiu uma pontada de inveja; hoje, deveria levar para casa o seu próprio protegido. Albert, de oito anos, era o único filho da sua velha amiga de Girton, Eva Haas, ou Eva Grad, como se chamava na altura. Embora não tivessem sido inseparáveis durante a faculdade, Lydia gostava muito de Eva, e as duas mulheres tinham mantido um contacto próximo. Quando Eva casara com o seu colega, o cientista Klaus Haas, em 1930, Lydia fora convidada de honra do casamento, que se realizara em Munique. Fora a última vez que se tinham visto, mas nunca tinham deixado de escrever uma à outra.

E agora ela queria levar o filho de Eva para a sua casa, em Cambridge, e enchê-lo de amor e conforto até que Eva conseguisse chegar a Inglaterra, ou até que a situação dos judeus na Alemanha melhorasse.

Os seus olhos estavam fixos nas três últimas crianças. Tinham, por fim, sido entregues aos seus guardiões, que as estavam a levar embora. Os olhos de Lydia seguiram-nos, todas as suas esperanças de encontrar Albert desvanecendo-se à medida que elas se afastavam.

...

O dedicado grupo de voluntários *quaker* de Bertha Bracey, o Comité de Emergência Alemão, transferira-se há quatro meses da Friends House para a Bloomsbury House, para coordenar o seu trabalho com os refugiados com o de todas as outras organizações que estavam a tentar ajudar os judeus a fugir da perseguição na Alemanha, na Áustria e na Checoslováquia.

A principal função de Bertha era angariar donativos de cinquenta libras da parte de patrocinadores que estivessem dispostos a providenciar um lar a uma criança judia. Sem a promessa de um donativo e de uma casa, era praticamente impossível obter um visto para as crianças. O governo britânico estava disposto a ajudar, mas insistia que as crianças refugiadas não deviam ser um peso para o erário público.

Como secretária do Conselho Intereclesiástico para os Refugiados Alemães, Bertha tinha uma equipa de cem pessoas que tinha a sua base no terceiro andar do antigo hotel Palace. Todos sabiam o que estavam a tentar fazer, mas ninguém reconhecia a verdade na sua totalidade. Ninguém verbalizava que era óbvio que, se os pais estavam dispostos a colocar crianças pequenas num comboio e enviá-las para um futuro incerto numa terra estrangeira, tinham de ter uma profunda — e terrível — crença de que a alternativa de ficarem onde estavam seria muito pior.

Assim que chegou à sua secretária, Bertha pegou no telefone e ligou para Berlim. Lydia observou-a atentamente. Ela falou rapidamente em inglês, explicando a situação a Miss Forster, um dos seus contactos *quaker* na cidade. Bertha fez uma careta e abanou a cabeça com tristeza na direção de Lydia.

— Tem a certeza de que ele foi posto no comboio?

Lydia conseguiu ouvir a resposta.

— Sim, ele estava no comboio.

— Bem, algo deve ter sucedido entre Berlim e Harwich. Talvez ele se tenha afastado quando pararam na Holanda, ou no porto, enquanto estavam a embarcar.

Falaram durante mais um minuto, e depois Bertha disse:

— Bem, muito obrigada, minha querida. Assim que os seus líderes voltarem, fale com eles. E eu ligo-lhe se souber alguma coisa. — Ela pousou o auscultador.

— Isto é uma loucura — disse Lydia. — Não faz qualquer sentido.

— Tem de haver uma explicação simples. Vai comer alguma coisa e descansar, minha querida. Eu trato deste assunto.

Lydia sentia-se esgotada.

— Não. Temos de falar com as outras crianças que estavam no comboio. Uma delas deve saber alguma coisa.

Bertha pegou num embrulho quadrado que estava em cima da sua secretária e estendeu-o a Lydia.

— Sanduíches. De carne enlatada. Tens de comer alguma coisa.

Ela não pôde deixar de sorrir.

— Muito obrigada, Bertha.

— E está aqui a lista dos números de telefone. Podes ligar-lhes tu, Lydia? Eu tenho de tratar de outros assuntos.

— Com certeza.

Bertha olhou para a mulher mais jovem durante alguns momentos.

— Sabes, minha querida, não me compete a mim nem é do meu feitio impingir a religião às outras pessoas, mas não posso deixar de sentir que não te faria mal vires uma ou duas vezes às reuniões. Apenas para uma reflexão silenciosa.

Lydia abanou a cabeça.

— Não consigo, Bertha...

— É claro. Eu compreendo. Mas se... bem, tu foste criada num lar *quaker*, por isso sabes o que hás de fazer. — Bertha voltou a sua atenção para o trabalho.

O pai de Lydia fora *quaker* e ela adorava os *quakers* e tudo o que defendiam, mas simplesmente não acreditava numa divindade. Sem vontade, começou a comer a sanduíche. Quando já ia a meio, pegou no auscultador do telefone de baquelite preto e começou a ligar para os números que estavam na lista. Ao fim de uma hora infrutífera, recostou-se na cadeira e esticou os braços. Coitadinho do Albert Haas. Onde é que ele estava? E coitada da Eva — como é que ela iria reagir se algo acontecesse ao filho?